

INTRODUÇÃO

AS POTÊNCIAS DE AUTRAN DOURADO

Com seus quase trinta volumes publicados no espantoso intervalo entre o final da década de 1940 e os anos 2000, a obra de Autran Dourado pode ser vista não apenas sob o signo da diversidade, como também parece ser emblemática para se pensar própria literatura brasileira da segunda metade do século XX. Na bolsa de valores da crítica e do mercado editorial, essa obra que foi festejada e premiada sobretudo nos anos 1970 e 1980 recebe recentemente estímulos para o debate sob novos prismas na cena pública. Aproximando-se dos cem anos do nascimento de Autran Dourado, que se completam em 2026, – o que por si só já é um convite para o balanço da obra e da vida do escritor –, nos últimos anos a editora Harper Collins reeditou os volumes *Os sinos da agonia*, *Ópera dos mortos* e *A barca dos homens*. Além disso, no ano de 2017 o arquivo do escritor foi integrado ao Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, processo de incorporação coordenado por Reinaldo Martiniano Marques. Entre a biblioteca do escritor, entrevistas, projetos e pesquisas para a composição de seus livros, ensaios publicados em jornais e revistas, cartas trocadas com escritores e intelectuais, o volumoso material que compõe o arquivo oferece elementos para deslocar, ressignificar e ampliar as leituras de sua extensa produção. Por conseguinte, o pesquisador da obra de Autran Dourado hoje se depara com uma produção que abarca não apenas seus textos ficcionais, mas também sua produção ensaística e a variada gama de materiais disponíveis no arquivo.

Essa diversidade, como seria de se esperar, é resultante de uma intensa vida literária. Antes mesmo do lançamento de seu primeiro livro *Teia*, em 1947, o jovem Autran participou ativamente da publicação da revista *edifício* em 1946, cujos quatro volumes contaram com a colaboração de nomes como Sábato Magaldi, Otto Lara Resende, Francisco Iglésias, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos. Na realidade, talvez se possa dizer que Autran Dourado seja um dos escritores brasileiros do século XX que encarou esse ofício de modo mais obstinado. Em conversa com Reinaldo Marques no momento em que seu arquivo era preparado para ser transportado ao Acervo de Escritores Mineiros na UFMG, as filhas Inês Autran Dourado e Ofélia Autran Dourado relatam como ele passava madrugadas tentando escrever *A barca dos homens*¹. Isso porque, com o trabalho como Secretário de Imprensa no

¹ No momento em que o espólio de Autran Dourado era empacotado no Rio de Janeiro para ser transportado para o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, Reinaldo Marques, que conduziu o processo de aquisição, realizou uma entrevista com Inês Autran Dourado e Ofélia Autran

governo Juscelino Kubitschek, não lhe restava tempo para a escrita, sendo que a falta de condições adequadas para tanto o levaram a um estado de depressão. Na realidade, a defesa de que o escritor tenha condições adequadas para trabalhar foi uma posição que ele sustentou ativamente durante toda sua trajetória. Os desentendimentos que teve com mais de uma editora se devem à visão de que os direitos autorais devem ser respeitados e valorizados como qualquer outra forma de trabalho, de forma a assegurar ao profissional a segurança econômica para o exercício de seu ofício. No artigo “A profissionalização do escritor”, publicado no jornal *Correio do Povo* em 08 de novembro de 1975, resultante de palestra em evento sobre o livro e sua problemática em Porto Alegre, ele não apenas retoma a necessidade de segurança financeira, como também defende que o exercício profissional do escritor deveria garantir a ele condições de aperfeiçoamento técnico.

Contudo, mesmo quando Autran Dourado já havia assegurado condições de trabalho adequadas para o exercício de sua escrita, a angústia característica da dedicação obstinada nunca o abandonou. Se ele se sentia bloqueado durante a execução de um novo projeto que não caminhava, voltava ao mesmo estado depressivo. E a relação obsessiva com a literatura não se restringia apenas à escrita, mas se estendia também à leitura. As filhas relatam situações em que, quando precisava levá-las para um parque ou quando precisava acompanhar a esposa Lúcia para as compras, ele sempre carregava um livro e se recolhia em um canto onde pudesse ler, alheio ao que estivesse acontecendo no entorno. Autran Dourado não foi apenas um dos autores de produção mais volumosa da literatura brasileira do século XX, mas também pensou a condição do escritor e a viveu enquanto a angústia de um chamado. Do perfil desse escritor-leitor, desdobra-se sua extensa produção, seja em volume, seja no tempo. E, com isso, sua obra revela potências interpretativas múltiplas.

Por isso mesmo, falar da obra de Autran Dourado é também falar da literatura brasileira. Qualquer um que busque pontos de contato entre ele e uma figura do calibre de Guimarães Rosa de imediato poderia apontar a ficcionalização de Minas Gerais como uma preocupação em comum. Mas, para além do lugar geograficamente situado, as Minas de Dourado não são menos metafísicas e transcendentais que as de Rosa. Como literaturas que seguiam o ímpeto da alta modernidade ao questionar os limites da razão, a Rosalina de *Ópera dos mortos* pode ser vista em paralelo com a loucura das mulheres de “Sorôco, sua mãe, sua filha”. O que dizer das mulheres que, no romance e no conto, entoam cantigas estranhas, sem sentido e sem razão, levando aqueles que as escutam se desencontrarem de si mesmos? E o que seria o Sobrado em que

Dourado. Agradeço a gentileza de Reinaldo Marques por me apresentar tão generosamente a entrevista.

se trancafiou Rosalina, entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, entre a razão e a loucura, entre a História e o mito, se não a terceira margem também metaforizada por Rosa?

Teria, então, Autran Dourado sido influenciado unilateralmente por escritores de dilatado calibre que eram imediatamente anteriores a ele? Talvez seja mais proveitoso perguntar pelas interações de astros que se aproximam e se distanciam em uma constelação. Afinal, a Biela de *Uma vida em segredo* teve sua narrativa publicada em 1964, treze anos antes que a Macabéa de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, lançado em 1977. Se hoje a ecocrítica tem chamado a atenção para o modo como a literatura tensiona os limites entre o humano e o não-humano, a solitária e deslocada Biela encontra a possibilidade de identificação com o cachorro Vismundo, assim como a menina ruiva encontra possibilidade de comunicação no bassê de pelos curtos e vermelhos do conto “Tentação” – publicado no volume *Legião estrangeira* também de 1964. No recente livro *Clarice na memória de outros*, Nádia Battella Gotlib publicou entrevista com Autran Dourado e com Lúcia Autran Dourado, em que o casal narra, nos diálogos indiretos e diretos, a amizade que se consolidou entre os dois escritores. E, entre as conversas e visitas que fazia a Autran e sua esposa Lúcia, Clarice Lispector presenteou o amigo mineiro com uma pintura, em que fez a dedicatória: “Você que já conheceu, como eu, o desespero. Mas é um erro. Tudo vai dar certo. Tudo vai dar certo.” Ambos escritores que conheceram o desespero. Escritores *porque* conheceram o desespero.

Seriam possíveis ainda múltiplos pontos de contato com diferentes perspectivas da literatura brasileira: escrita de memória, romance de formação, questionamento da figura do colonizador que ganha corpo com Lucas Procópio. Aqui, é escusado desenvolver essas referências. Nesse momento, vale a sugestão.

Enxergar a história da literatura brasileira no século XX ao olhar para a obra de Autran Dourado significa igualmente reconhecer a própria história do Brasil. Seria ocioso nesse momento relembrar a ficcionalização da cultura patriarcal mineira que atravessa toda a sua produção, ou a problematização de poderes despóticos observada em romances como *Os sinos da agonia* ou *A serviço del-Rei*. Porém, nas potências da obra-arquivo em que ainda há muito a ser explorado, essa relação entre escritor, obra e história ganha forma sensível. Ali, há discursos redigidos por Augusto Frederico Schmidt e pelo próprio Autran Dourado para o governo Juscelino Kubitschek. Há cópias dos esquemas de segurança quando Eisenhower visitou o Brasil. Há correspondências com jovens intelectuais de Minas, do Brasil e do exterior, que viriam a se tornar referências em suas áreas de atuação.

Todo ato de escrita e de leitura é histórico. Por isso mesmo aberto a reescrituras e releituras de acordo com as materialidades do arquivo, com as novas posições ocupadas por uma obra frente ao cânone ou a seu questionamento. Nos anos 1970 e 1980, com o forte influxo das

teorias estruturalistas e pós-estruturalistas na academia, a presença do mito e a recorrência da intertextualidade na obra de Autran Dourado foi expressivamente discutida por nomes como Eneida Maria de Souza, Reinaldo Martiniano Marques, Angela Senra, Maria Lúcia Lepecki. Nesse momento ou posteriormente a ele, com nomes como Fábio Lucas ou Silviano Santiago, a recepção de seus textos também se voltou para a tematização de Minas Gerais entre o local e o cosmopolita, aspecto que foi muitas vezes ligado à análise do caráter barroco de sua escrita e à angústia constitutiva do povo mineiro. No livro *Mineirações*, Fábio Lucas defendia que, se visto em relação às tradições da produção ficcional mineira, a força de Autran Dourado residia mais em seu traço confessional e intimista do que em um apelo social. Para um pesquisador que hoje se dedique ao estudo da sua literatura, a revista *Colóquio/Letras* é um bom ponto de referência, disponibilizando *on-line* artigos e resenhas críticas que foram contemporâneas ao processo de criação ainda em andamento do autor de *Os sinos da agonia*. De lá para cá, ainda foram publicados volumes em homenagem a Autran. É o caso do caderno *Literatura comentada*, organizado por Angela Senra em 1983 e voltado para o público da educação básica. Em 1985, Eneida Maria de Souza organiza um especial do *Suplemento literário de Minas Gerais*, intitulado “As Minas de Autran Dourado”, em que há textos e depoimentos de Sábato Magaldi, Francisco Iglésias, Silviano Santiago e Wander Melo Miranda. Em 1996 Eneida Maria de Souza ainda lança o volume *Autran Dourado*, o segundo número da coleção “Encontro com Escritores Mineiros”, que conta com textos críticos, cronologia, além de um depoimento do próprio autor. Além disso, em 2006 houve o “Dossiê Autran Dourado 80 anos”, publicado pela *Revista Alpha*, do Centro Universitário de Patos de Minas.

Frente a esse cenário, cabe então a pergunta: quais seriam as potências interpretativas da obra de Autran Dourado na aproximação de seus cem anos? Encarando-a de frente, o presente dossiê reúne trabalhos de pesquisadores brasileiros que analisam a obra do escritor mineiro a partir de questões contemporâneas, ou que ressignificam por diferentes óticas as tradições interpretativas já consolidadas.

No ensaio “Vida comum e dispêndio: o corpo incômodo de Biela”, **Roniere Menezes** discute o modo como *Uma vida em segredo* opera um questionamento dos modos de vida urbanos pautados pela moral burguesa e pela ideia de uma modernidade arcaizante, caracterizada pelas ideias de retenção e de progresso. Assim, o corpo e a subjetividade de Biela seriam arquivos de vivências que se chocam com a moral da cidade onde foi viver após a morte do pai, afigurando-se como o resquício de um passado insubmisso, um resíduo não capturável pela classe dominante. Roniere Menezes reconhece, por esse caminho, uma potência contemporânea da obra de Autran Dourado: “Autran revela-se escritor a ser lido

cuidadosamente com o foco da contemporaneidade. Sua produção revela novos e insuspeitados sentidos para os estudos literários e culturais do presente.” Isso porque, em uma análise de questões éticas, estéticas e políticas caras à contemporaneidade, o autor procura observar a relação entre a mulher e a natureza que tensiona os limites entre o humano e o não-humano, entre a cultura e a natureza, a lógica racional dominante e os conhecimentos do homem e da mulher comuns.

No artigo “Autran Dourado e o Modernismo: reinventor de inovações”, **Pedro Dolabela Chagas** discute a influência de Joyce e de Faulkner sobre Autran Dourado, no processo de difusão do romance modernista na América Latina. A partir de um olhar sistêmico em que procura observar a inscrição do autor mineiro na história do romance, interessa sublinhar o modo como a análise de Dolabela Chagas situa sua obra não apenas em relação às produções europeia e norte-americana, mas também em relação à literatura latino-americana. Por isso, a ideia da difusão de inovações não se liga apenas à reprodução de perspectivas ou técnicas ficcionais, mas tem em vista a forma como Dourado, ao lado de escritores como Guimarães Rosa e Lúcio Cardoso, modernizou a história do romance brasileiro e latino-americano. O olhar sistêmico que está na base de seu texto lhe permite ainda debater condições que favoreceram sua rápida e calorosa recepção, bem como especular sobre possíveis causas de sua diluição no debate literário mais recente.

O texto “Ficções nas ficções de Autran Dourado”, assinado por **Jonatas Aparecido Guimarães**, discute os diferentes lugares da ficção tomando como *corpus* o conjunto da obra do autor. Defende-se, por essa ótica, que a produção de Autran mobiliza duas das principais linhas de força da literatura brasileira no século XX, integrando uma ficção de teor marcadamente social à metalinguagem cara à alta modernidade. Argumenta-se, por esse caminho, que seus diferentes volumes colocariam em pauta o caráter histórico dos regimes de produção ficcional, bem como a historicidade da própria instituição literária, contrapondo principalmente a coletividade oral das narrativas tradicionais e a institucionalização moderna da literatura no cerne da cultura letrada. Logo, a tematização de Minas Gerais tão apontada em Dourado teria relação também com os seus modos de fazer ficção e de fazer-se pela ficção.

Cristiane Barnabé Segalla, em “*Uma vida em segredo: um trabalho arquitetônico*”, revisita e ressignifica a análise da construção da personagem Biela no choque com outros personagens, tema valorizado pelo próprio autor, de maneira a delinear a arquitetura da linguagem no livro que dá título ao artigo. Passando por diferentes teorias do personagem e do discurso, a autora valoriza a caracterização da personagem-estado, que tem a função, na trama da linguagem, de operar a desfuncionalização, a desreferencialização e a destemporalização. Dessa maneira, no orquestramento das vozes do narrador e de Biela em choque com a perspectiva de

outros personagens, Segalla analisa o fio condutor das relações textuais. Então, identifica-se no projeto arquitetônico de uma vida em segredo a construção de um labirinto discursivo, que promove o confronto entre as vozes que o habitam.

A partir do diálogo entre gerações de pesquisadores, **Luiz Eduardo Ludvig Alencastro** e **Edgar César Nolasco dos Santos** assinam o artigo “Solidões em Autran Dourado: pensando a insurgência descolonial pela solidão”, que nasce de projeto vinculado ao Núcleo de Estudos Culturais Comparados. Aproximando a literatura de Autran às questões contemporâneas debatidas na ótica descolonial, os autores mobilizam os conceitos de *Anthropos* e de *biolocus* para discutir a dualidade entre o escritor Autran Dourado e o personagem escritor João da Fonseca, tomando como ponto de análise principal o conto “Inventário do primeiro dia” do volume *Solidão solitude*. Interessante notar como no artigo a análise de Autran Dourado do ponto de vista descolonial possibilita pensá-lo em relação com a cultura latino-americana. Assim, alinhando-se à desconstrução do cartesianismo de que parte a noção de *corazonar* proposta por Guerrero Arias, o trabalho pensa a colonização não apenas econômica, mas também da imposição da centralidade da razão, de maneira que o apelo ao corpo e aos afetos na obra de Autran Dourado são vistos como práticas descoloniais. Logo, os autores permitem a seus leitores pensar: qual o melhor espaço para pensar a descolonização que a literatura? E, em nosso caso, a literatura de Autran Dourado?

Em “O devaneio petrificante em *Ópera dos Mortos*, de Autran Dourado” **Thais Seabra Leite**, com uma escrita ela mesma imagética, analisa as imagens poéticas presentes na construção do romance em estudo. Para tanto, a autora retoma o estudo da recorrência de mitos nas narrativas do autor mineiro para, associando-os à fenomenologia de Bachelard, demonstrar o princípio teleotânico que fundamenta o livro. Em sua argumentação, Leite desenha o diagrama imagético que, em *Ópera dos mortos*, promove o entrecruzamento entre Rosalina, o sobrado, a flor, o tecido. Conforme ela demonstra, ao imiscuir corpo e terra, são também a fertilidade e a morte que são postos em relação. Assim, defende-se que, se o ser e o corpo estão atrofiados como rochedos, a magnificência de Autran Dourado parte de sua arquitetura imaginante, em que as imagens se desdobram continuamente.

Por fim, a “Bibliografia sobre Autran Dourado” procura reunir, sem a pretensão de esgotá-las, algumas entre as principais referências para os estudos de sua obra.

Jonatas Aparecido Guimarães